

IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DO TUTOR PRESENCIAL NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Leililene Antunes Soares¹, Rita Márcia Andrade Vaz de Mello², Maria das Graças
Soares Floresta³, Mariana Schiavon Ferreira⁴

¹Universidade do Estado de Minas Gerais / leililene@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Viçosa / ritamarciamello@gmail.com

³Universidade Federal de Viçosa / florestaufv@gmail.com

⁴Universidade do Estado de Minas Gerais / marischiavon@hotmail.com

Resumo – No século XXI, a nova ordem socioeconômica mundial sustenta-se no desenvolvimento da educação, da ciência e da tecnologia. Neste novo cenário, os papéis tradicionais do professor, aluno e escola precisam ser melhor compreendidos e investigados para fazer frente às mudanças que se impõem. A educação a distância redefine substancialmente o papel do mediador que agora assume posição diferenciada daquela conhecida historicamente. Como elemento central no processo ensino/aprendizagem, portanto, precisa ter sua função, sua prática, seu papel questionado, compreendido, estudado. Assim, este estudo busca uma reflexão sobre o tutor presencial enquanto mediador na educação a distância. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo, sendo entrevistados 5 tutores presenciais que atuam no curso de Pós-graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica no âmbito da Escola de Gestores da Educação Básica da Universidade Federal de Viçosa, vinculado ao Ministério da Educação. No âmbito da educação a distância o tutor é mediador, porque responsabiliza-se pelo desenvolvimento do curso. É o profissional que responde aos questionamentos, às dúvidas formuladas pelo aluno, em todas as situações de aprendizagem propostas pelas ferramentas disponibilizadas nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem: os fóruns, chats, murais, e-mail e outros. Cabe ao tutor presencial a responsabilidade de formar cidadãos críticos, reflexivos, atuantes, construtores do nosso mundo. A preparação destas pessoas que possam efetivamente contribuir para um maior desenvolvimento da sociedade em que se encontram inseridas está intimamente atrelada ao preparo daqueles que irão formar estes futuros cidadãos.

Palavras-chave: Tutor presencial, mediação, educação a distância.

Abstract – In the XXI century, the new world order is sustained socioeconomic development of education, science and technology. In this new scenario, the traditional roles of teacher, student and school need to be better understood and investigated to cope with the changes required. The distance substantially redefines the role of the mediator who now assumes that historically differentiated position

known. As a central element in the teaching/learning process, therefore, needs to have its function, its practice, its role questioned, understood, studied. Thus, this study seeks a reflection on tutor as facilitator in distance education. To this end, we carried out a field survey, being interviewed 5 tutors who acted in the course of Postgraduate in Pedagogical Coordination within the School Managers of Primary Education of the Federal University of Viçosa, under the Ministry of Education. In the context of distance education tutor is mediator because takes responsibility for course development. It is the professional who responds to the questions, the doubts expressed by the student in all learning situations proposed by the tools available in the Virtual Learning Environments, namely, forums, chats, bulletin boards, email and other. It is up to the guardian responsibility to form critical, reflective, active citizens, builders of our world. The preparation of these people who can effectively contribute to the further development of the society in which they are embedded is closely linked to the preparation of those who will form these future citizens.

Keywords: tutor, mediation, distance education.

1. Introdução

A sociedade está se adaptando às novas tecnologias e aos efeitos da globalização e vem cobrando das instituições educacionais e dos professores novas atitudes, novos modelos de planejamento e apresentando novas demandas.

Martins e Krammer (2007) comentam que a globalização tem afetado o modo de estruturar a educação escolar e de desenvolver o trabalho docente. Implicada nesse processo, que ocorre em todo o mundo, está a revolução científica tecnológica, cujos reflexos também se notam nas salas de aula. Leitzke et al. (2008) afirmam que um dos principais desafios enfrentados atualmente pelas instituições de ensino e professores é o oferecimento de cursos de graduação a distância. Esse novo contexto exige dos envolvidos uma nova postura tanto em relação à gestão administrativa quanto à pedagógica para o oferecimento de cursos de graduação a distância.

Assim, a Educação a Distância (EaD) em todo o mundo e, em particular, nos países desenvolvidos, está em processo de franca expansão e sendo implementada por meio de programas de grande porte. No Brasil, a EaD, não há como negar, vive momentos privilegiados, por fazer com que questões sócio-educacionais sejam tratadas como relevantes. Tal fato é atestado pela edição da Lei nº. 9.394, de 20/12/1996, em cujo art. 80 inseriu a modalidade de EaD no País, o que demonstra a importância dela no âmbito da educação nacional (BELLONI, 2001).

Neste contexto, há um debate em pauta no modelo da EaD em suas propostas mais atuais. A discussão posta nessa reflexão é contemporânea e se centra na necessidade do desvencilhamento de paradigmas cristalizados, no que se refere a mediação realizada pelo tutor no modelo de EaD com a inserção das novas tecnologias. Assim este estudo busca uma reflexão sobre o tutor

enquanto mediador na educação a distância.

O presente trabalho dedica-se ao estudo da mediação pedagógica de tutores presenciais que atuam na formação continuada de profissionais integrantes de equipes de gestão pedagógica em escolas públicas de educação básica. O foco será o trabalho dos tutores do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica, no âmbito do Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica Pública¹. Esse curso compõe o Plano de Metas “Compromisso Todos pela Educação”, integrando o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Articula-se, portanto, às ações ministeriais de mobilização em torno da melhoria da Educação Básica e do fortalecimento da escola pública brasileira, estando vinculado à Secretaria de Educação Básica, do Ministério da Educação (SEB/MEC) com intuito de compreender a prática pedagógica do tutor presencial.

Importa destacar que optou-se por estudar o Curso Lato Sensu a distância de Pós-graduação em Coordenação Pedagógica, por considerarmos que um curso de formação continuada para os profissionais que atuam na área da coordenação pedagógica nasce do reconhecimento da importância desse profissional para a melhoria da qualidade do ensino brasileiro. De fato, o Coordenador Pedagógico, sendo um membro da equipe gestora da escola, desenvolve o importante papel de articulador e integrador dos processos educativos. Espera-se, pois, que sua atuação e seu trabalho contribuam, de maneira significativa, para que se realize no interior da escola um ambiente educativo capaz de promover o desenvolvimento da aprendizagem, do conhecimento, do trabalho coletivo e interdisciplinar, da ética e da cidadania, na perspectiva de uma educação e uma sociedade cada vez mais inclusiva.

Nesse processo, o tutor presencial desempenha o papel de articulador e integrador dos processos educativos, devendo possibilitar atualização, aprofundamento, complementação e ampliação de conhecimentos para os cursistas, com discussões e reflexões sobre a prática pedagógica, à luz de um referencial teórico-metodológico fundamentado na perspectiva crítico-transformadora.

¹ Em 2005, sob a Coordenação do INEP, o Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica Pública foi implantado em caráter experimental por meio do projeto piloto de um curso de formação continuada para dirigentes escolares. A partir de 2006, passou a ser coordenado pela Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC) e foi reestruturado, ampliando objetivos e incorporando novas tendências educativas, conforme indicação feita após análise de outros quatro programas de formação de gestores escolares (Programa de Capacitação a Distância para Gestores Escolares/PROGESTÃO, Programa de Formação Continuada de Gestores da Educação Infantil e Fundamental/PROGED, Centro Interdisciplinar de Formação Continuada de Professores/CINPOP e Programa de Formação de Gestores da Educação Pública – UDJF). Em 2009, por meio da Portaria MEC Nº 145, de 11/02/2009, foram normalizadas as formas de organização, execução e gerenciamento, tornando evidente a vinculação do Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica Pública às ações do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

2. Procedimentos metodológicos

O presente estudo de campo é delineado por uma abordagem qualitativa, embasada nos aportes teóricos de Ludke e André (1986, p.18), por considerarem que “o estudo qualitativo desenvolve-se numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

Foram entrevistados 5 tutores, representando os 10 que atuam no curso de Pós-graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica no âmbito do Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica, UFV/MEC, que participaram do encontro presencial em março de 2011.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para a realização do processo de análise. Os dados obtidos nas entrevistas foram analisados segundo a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin.

3. Mudanças tecnológicas e educação a distância no Brasil

A literatura científica da área educacional, bem como a popular, estão repletas de trabalhos escritos por autores como Paulo Freire (1996), Edgar Morin (2000) e Manuel Castells (2001), que defendem a importância da educação para a manutenção do movimento de crescimento e mudança que hoje se apresenta acelerado em nossa sociedade. Pierre Lévy (1998) e Séraphin Alava (2002) defendem a aproximação da tecnologia ao processo educativo.

Dowbor (2001) ressalta que vivemos um paradoxo em relação a esse processo, o que constitui tanto um desafio para a comunidade educativa quanto uma oportunidade. O desafio se constitui no fato de a sociedade mundial estar se desenvolvendo aceleradamente em função das tecnologias que vêm sendo criadas e integradas ao cotidiano dos sujeitos, modificando suas rotinas, maneira de pensar, de se relacionar e de construir conhecimento. Mas em contrapartida, esses desafios não devem ser paralisantes, pois vêm sendo construídos com base nas informações que têm sido geradas individual e coletivamente e que, transformadas em conhecimento, são a mola mestra deste processo de mudança sócio-técnica.

Sabemos que a sociedade do conhecimento tem oferecido oportunidades educativas também fora da sala de aula tradicional, mas ainda com a presença do tutor. Isso força uma revisão do seu papel, que hoje não pode mais se limitar a criar condições de aprendizagem para seus alunos permanecendo fechado entre quatro paredes, mas deve incluir a interação com o mundo mediatizado pelas tecnologias.

Contemporaneidade, globalização, evolução, avanços tecnológicos, este é o percurso da humanidade e a educação precisa acompanhar esta marcha. Surge então a EaD e com ela os desafios desta nova modalidade de ensino (SOARES, 2012).

A EaD tem na própria legislação, uma definição que vai além da simples “entrega” de conteúdos mediada pelas TICs. O Decreto 5.622/2005, que

regulamenta a educação a distância no Brasil, caracteriza-a como modalidade educacional na qual a mediação didático–pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares e/ou tempos diversos. Em seu parágrafo primeiro, o mesmo decreto determina ainda que a educação a distância organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares. (MEC, 2009).

Para o representante no Brasil da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), Abdul Waheed Khan, a educação a distância faz parte do cotidiano e se torna fundamental para se alcançar os objetivos mundiais de educação (ABED, 2006).

A Educação a Distância (EaD) consiste da união entre tecnologias de informação e comunicação e conteúdos instrucionais que, para funcionar, depende de envolvimento de alunos, professores, instituições de ensino, empresas e governo. Como a maioria dos municípios brasileiros não tem acesso à educação superior, a EaD emerge nesse cenário como alternativa para preencher essa lacuna (MAIA, 2007, citado por MAIA e MEIRELLES, 2009).

Nos últimos anos, a EaD é uma das mais importantes ferramentas de transmissão do conhecimento e da democratização da informação. A diversidade de recursos tecnológicos e da comunicação, colocados à disposição dos estudantes e professores nos cursos a distância, podem colaborar de maneira bastante eficaz na formação e qualificação de profissionais (SOARES, 2012).

Os caminhos apontam para a renovação do ensino, formulando uma concepção mais ampla do processo educativo, a fim de atender à demanda da sociedade. No Brasil, a procura por cursos a distância tem aumentado significativamente nos últimos dois anos. Em termos macroeconômicos, o interesse em aumentar, a curto prazo, a escolaridade da população está relacionado a fatores como a globalização da economia, na qual busca-se colocar o país em condições de competitividade no mercado internacional (SOARES, 2012).

As informações apresentadas foram extraídas do Anuário Brasileiro sobre Educação a Distância, publicado em 2008. Este anuário é elaborado a partir de consulta as fontes primárias de informação: como MEC, CNE, CEE's. Participam e respondem o questionário instituições autorizadas para a oferta de EaD. Este é uma amostra bem completa: 140 instituições (54,5% do universo), mas que representam 80% do total de alunos a distancia do país (ABED, 2008).

Segundo este anuário, em 2008, cerca de 2,54 milhões de brasileiros estudaram por Educação a Distância, este número inclui cursos credenciados e grandes projetos nacionais, como os cursos do SENAI, SENAC e SEBRAE. Tendo cerca de 970 mil alunos matriculados em cursos a distância, nas 257 Instituições de Ensino Superior (IES) credenciadas pelo MEC. E este número é muito maior se considerarmos o universo de alunos/profissionais que participam dos cursos a distância no mundo corporativo (ABED, 2008).

Dados da ABED (2012) afirmam que o número de alunos por tutor nas instituições de EaD é de 97,8 com ascensão na região Sudeste interferindo no resultado nacional. Também é notável o maior número médio de profissionais docentes (professores, monitores, tutores, produtores de conteúdo etc.) por instituição entre aquelas que buscam grande quantidade de alunos fora de seu Estado-sede. As que não têm alunos fora empregam, em média, 79 profissionais docentes, enquanto entre as que têm índice de extraterritorialidade (ET) superior a 82% essa média sobe para 605. Há também uma definição muito clara por mais professores entre as que têm baixo ET e por mais monitores entre as que têm ET elevado.

É grande a diferença na estrutura tutorial entre instituições com baixa e muita extraterritorialidade. O professor presencial, por exemplo, é oferecido por 79% a 88% das instituições que não têm ou têm baixo ET, e por apenas 49% das instituições com ET acima de 78%. Em compensação, 92% dessas instituições oferecem professor on-line, contra 67% das instituições com nenhum ET (ABED, 2012).

Entre os recursos preferidos pelas instituições, o tutor é o quarto item mais citado (61,6%). Apesar das exigências legais em alguns níveis, não deixa de ser surpreendente, para cursos a distância, que 69% das instituições ofereçam o recurso do professor presencial e 51% o da reunião presencial (ABED, 2012).

Assim, nos compete refletir sobre a mediação pedagógica dos protagonistas da ação educativa, ressignificando os papéis dos atores principais – o tutor presencial.

4. Reflexões sobre o tutor na EaD

Com o desenvolvimento da EaD, surgem novas figuras profissionais. A relação ensino-aprendizagem nesse contexto conta com o tutor. A nomenclatura “tutor” merece uma apreciação. Segundo o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2000, p. 693): “tutor *s. m.* 1. indivíduo legalmente encarregado de tutelar alguém. 2. Protetor”.

A tutoria surge no século XV na universidade, usada como orientação de caráter religioso aos estudantes, com o objetivo de infundir a fé e a conduta moral.

No passado, o tutor era um *fellow* (companheiro) agregado à universidade, era um conselheiro (PETERS, 2003), pessoa que dá assistência no estudo, embora não seja responsável pelo ensino. Posteriormente, no século XX, o tutor assumiu o papel de orientador e acompanhante dos trabalhos acadêmicos, e é este o mesmo sentido do trabalho desenvolvido nos programas de educação a distância (SÁ, 1998).

A ideia de guia é a que aparece com maior força na definição da tarefa do tutor (do latim “protetor”). Podemos definir tutor como o “guia, protetor ou defensor de alguém em qualquer aspecto”, enquanto o professor é alguém que

“ensina qualquer coisa” (LITWIN, 2001, p. 93). A palavra professor procede da palavra “professore”, que significa “aquele que ensina ou professa um saber” (ALVES e NOVA, 2003).

Na perspectiva tradicional da educação a distância, era comum sustentar a ideia de que o tutor dirigia, orientava, apoiava a aprendizagem dos alunos, mas não ensinava. Assumiu-se a noção de que eram os materiais que ensinavam e o lugar do tutor passou a ser o de um “acompanhante” funcional para o sistema. O lugar do ensino assim definido ficava a cargo dos materiais, “pacotes” auto-suficientes sequenciados e pautados, que finalizava com uma avaliação semelhante em sua concepção de ensino (LITWIN, 2001).

O tutor deve promover a realização de atividades e apoiar sua resolução, oferecer novas fontes de informação e favorecer sua compreensão. Guiar, orientar, apoiar devem se referir à promoção de uma compreensão profunda, e estes atos são responsabilidade tanto do docente no ambiente presencial como do tutor na modalidade a distância (LITWIN, 2001).

Gutierrez e Pietro (1994) caracterizam as qualidades necessárias às tarefas do tutor: possuir clara concepção da aprendizagem; estabelecer relações empáticas com seus interlocutores; ser capaz de uma boa comunicação; dominar bem o conteúdo; buscar as filosofias como uma base para seu ato de educar; sentir o alternativo; partilhar sentido; constituir uma forte instância de personalização; facilitar a construção de conhecimento através da reflexão, intercâmbio de experiências e informações e, finalmente, estabelecer redes, promover reuniões grupais e avaliar.

Pretti (2002) considera que o papel do tutor, toma-o como orientador. Para o mesmo autor, tomá-lo como tutor – o que protege – numa concepção de educação libertadora é minimizar esse papel como sujeito passivo, dependente do outro. Por outro lado, ao colocá-lo como o profissional que orienta, dá real sentido de quem apoia, estimula, acompanha e estimula a aprendizagem do aluno, em construção coletiva.

A esse respeito, a tutora entrevistado relata:

“Meu papel é ser mediadora entre o cursista e a Universidade (principalmente professores e tutor a distância). Para isso, busco esclarecimentos que possam facilitar o ensino-aprendizagem. Verifico como os processos e recursos estão se desenvolvendo, disponibilidade do material e, principalmente, atendo os cursistas que solicitam minha opinião e participação. Vejo como primordial a solicitação do cursista.” (Tutora A).

Gonzáles (2005) caracteriza o tutor como mediador, porque responsabiliza-se pelo desenvolvimento do curso. É o profissional que responde aos questionamentos, às dúvidas formuladas pelo aluno, em todas as situações de aprendizagem propostas pelas ferramentas disponibilizadas nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), a saber, os fóruns, chats, murais, e-mail e outros.

Através dos comentários dos tutores percebemos o quanto seu papel na mediação das ações pedagógicas e de interação entre professores, alunos e material pedagógico é importante para o Curso de Pós-graduação em Coordenação Pedagógica. Eles atuam como facilitadores do processo de ensino e aprendizagem, buscando a concretização dos princípios da autonomia e responsabilidade do aprendiz, contribuindo para a constituição de espaços colaborativos de aprendizagem, tanto presencial quanto virtualmente (SOARES, 2012).

“Mediar é agir no sentido de estimular os cursistas a se assumirem como sujeitos do processo de aprendizagem. A mediação acontece quando tenho atitudes para facilitar o aprendizado, dialogando, estando sempre buscando informações e conhecimentos para repassar e ajudar os alunos.” (Tutor C).

Para Freire (1980, p. 82) “o diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo”. Nessa linha de raciocínio, o autor coloca que este diálogo não pode significar o depósito de ideias em outros, nem tão pouco resumir-se a simples intercâmbio de ideias a serem consumidas por permutantes.

Segundo Dandolini (2007), citado por Leitzke et al. (2008), o sistema de tutoria deve trabalhar com os seguintes objetivos: auxiliar os alunos na construção autônoma do conhecimento, motivar os alunos para o trabalho cooperativo e colaborativo, auxiliar os alunos a organizarem seus estudos, provocar questionamentos e sanar suas dúvidas.

“Mediação pedagógica é o ato/ou instrumentos que facilitam o aprendizado. É preciso incentivar os alunos a organizarem seus estudos. Qualquer fato, ato, recurso que possa ajudar na compreensão e internalização de conteúdos pode ser avaliado ou reconhecido como mediador. Fui mediadora quando busquei esclarecimentos que pudessem diminuir angústias, facilitar acessos e desenvolvimento de tarefas; também ao fazer contatos telefônicos, trocar informações por emails e atendimentos presenciais para a troca de informações na execução das tarefas, disponibilização de textos, os chats.” (Tutor E).

Um sistema de tutoria eficaz permite aproximar todos os sujeitos envolvidos na ação educativa, desde o coordenador do curso até o aluno no pólo. Assim, para termos a garantia de que haja comunicação entre todos os agentes envolvidos no curso o papel de mediador do tutor é imprescindível pois é ele que está entre os alunos e os professores e coordenação (PHILIPSEN et al., 2007)

“A mediação pedagógica acontece quando atuo como facilitadora e incentivadora da aprendizagem, quando colaboro ativamente para que o aprendiz chegue aos seus objetivos. Na relação presencial, é o tutor quem atua como mediador pedagógico entre a informação passada e a

aprendizagem por parte dos alunos. Como tutor presencial, procurei conhecer as necessidades e expectativas dos alunos quanto ao curso e promover formas de interação, para que pudesse ser um tutor ativo.” (Tutor B).

Os relatos dos tutores estão em consonância com os estudos de Assis (2007, p. 21), ao comentar que cabe ao tutor, em seu trabalho de mediação pedagógica com o auxílio das tecnologias da informação e comunicação, incentivar o processo espontâneo de construção do conhecimento, enxergando-se como pessoa e sujeito de todo o processo. Para tanto, “é necessário que os tutores tenham formação e sensibilidade para que sejam mediadores e aglutinadores do processo de aprendizagem”.

Ainda a esse respeito, estudiosos da EaD, como Marcelo García (2001) e Aparici (1999 apud FERREIRA, 2009) comentam que as mediações do tutor podem possibilitar até mesmo transformações da proposta pedagógica do curso em que atuam. Destaca-se ainda que é essencial a participação do tutor na mediação pedagógica e na orientação acadêmica dos programas de formação superior de professores em EaD.

Peters (2006) afirma que a tutoria é uma peça indispensável no processo de orientação dos alunos de um curso a distância. O tutor aos poucos deve fazer com que os alunos percebam o quanto o trabalho colaborativo pode ajudar no processo ensino-aprendizagem. Para auxiliar o aluno nesse processo é necessário que o tutor assuma o papel de orientador e motivador e que o material didático e os métodos utilizados sejam adequados.

Assim, conforme Niskier (1999), o papel do tutor é comentar os trabalhos realizados pelos alunos; ajudá-los a compreender os materiais do curso através das discussões e explicações; ajudar os alunos a planejarem seus trabalhos; organizar círculos de estudo; atualizar informações sobre o progresso dos estudantes; fornecer feedback aos coordenadores sobre os materiais dos cursos e as dificuldades dos estudantes e servir de intermediário entre a instituição e os alunos.

Na concepção de Mill (2008), “o tutor é um elemento-chave para o desenvolvimento cognitivo do estudante nas atividades individuais e coletivas ao longo da disciplina”. Sendo responsável por acompanhar, orientar, estimular e provocar o estudante a construir o seu próprio saber, desenvolver processos reflexivos e “criar” um pronunciamento marcadamente pessoal.

Neste contexto, o papel do tutor ultrapassa a visão puramente técnica, transcende a exacerbação da especialidade, adquirindo competência para instrumentalizar a tecnologia. O papel do tutor, sobremodo, supera assim o conceito reducionista de propostas estritamente técnicas. O tutor é um educador a distancia. Aquele que coordena a seleção de conteúdos, que discute as estratégias de aprendizagem, que suscita a criação de percursos acadêmicos, que problematiza o conhecimento, que estabelece o diálogo com o aluno, que media problemas de aprendizagem, sugere, instiga, acolhe (LEAL, 2008).

Para Mill (2008), o trabalho pedagógico na EaD faz uso mais intenso das “novas” tecnologias, especialmente da telemática (fusão de telecomunicações com informática). Por isso, numa análise ingênua e sob o ângulo comparativo do trabalho presencial e virtual, poder-se-ia dizer que o antigo “elenco” de saber-fazer docente presencial passou por certa desvalorização e tende a perder ainda mais. Indício disso é a força com que o discurso tecnológico se impõe a educação nesses últimos anos: não saber utilizar as tecnologias de informação e comunicação e não empregá-las no seu cotidiano de trabalho passou a ser considerado um pecado irreparável e sinal de incompetência. Portanto, mesmo não havendo ruptura, na transição do trabalho presencial para o trabalho virtual, percebe-se que a evolução da mediação tecnológica (desde que a telemática seja considerada mais evoluída do que a escrita) levou os saberes do docente presencial a tenderem a obsolescência. Isso está na base dos argumentos de Maggio (2001), citado por Mill (2008): “um bom professor não é, necessariamente, um bom tutor”.

Gutierrez e Prieto (1994) falam de seis qualidades que o tutor necessita possuir: clara concepção de aprendizagem; estabelecer relações empáticas com os seus interlocutores; sentir o alternativo; partilhar sentidos; construir uma forte instância de personalização, embora à distância; facilitar a construção do conhecimento.

Os autores supracitados destacam ainda, algumas atividades do tutor, como o acompanhamento, a retroalimentação, a avaliação e a constituição da memória do processo de aprendizagem, a liderança e a mediação de reuniões grupais e o estabelecimento de redes de comunicação e informação, entre outras.

Pelo exposto, podemos considerar que o trabalho do tutor é complexo, e para que possa desempenhar suas funções com competência e habilidade, é preciso que esse educador se reconheça enquanto um profissional em constante formação, inserido num processo diferenciado, desafiante e provocador para a comunidade acadêmica.

5. Considerações finais

O surgimento das novas tecnologias da informação e da comunicação deu um novo impulso à educação a distância, fazendo aparecer, através da internet, formas alternativas de geração e de disseminação do conhecimento.

Altera-se, pois, as formas de relacionamento humano em que o diálogo, enquanto mediação interativa de construção do conhecimento proporciona o processo educacional em uma perspectiva de compreensão da necessidade da condição humana para interagir, intercambiar saberes, repensar valores, refletir conceitos, reformular visões de mundo.

Neste contexto, a mediação do tutor é fundamental e seus conhecimentos podem ser aprimorados, pois além da exigência da competência didática, este deve ser capaz de se comunicar através dos meios tecnológicos, atuando mais

como um facilitador da aprendizagem, orientador acadêmico e estimulador da interação coletiva.

Assim, faz-se importante um tutor com formação acadêmica que organize situações didáticas, juntamente com os alunos, escapando das armadilhas técnicas. Uma ação tutorial que procure desvelar as subjetividades presentes na construção de saberes dos sujeitos envolvidos.

Cabe ao tutor a responsabilidade de formar cidadãos críticos, reflexivos, atuantes, construtores do nosso mundo. A preparação destas pessoas que possam efetivamente contribuir para um maior desenvolvimento da sociedade em que se encontram inseridas está intimamente atrelada ao preparo daqueles que irão formar estes futuros cidadãos.

Referências

- ALAVA, S. *Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ALVES, L.; NOVA, C. *Educação a distância: uma nova concepção de aprendizagem e interatividade*. São Paulo, Futura, 2003.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (ABED). *Censo Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil*. 2012. Disponível em: <http://www.abed.org.br> . Acesso em: 12 jun. 2014.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BELLONI, M. L. *Educação a distância*. Campinas: Ed. Associados. 2001.
- CARNOY, M. *Mundialização e reforma da educação: o que os planejadores devem saber*. UNESCO. 2002.
- CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CRUZ NETO, O. C. *O trabalho de campo como descoberta e criação*. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- DOWBOR, L. *Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- FERREIRA, Z. M. *Prática pedagógica do professor-tutor em EaD no curso "Veredas - Formação Superior de Professores"*. 2009. 312 p. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. USP. São Paulo. 2009.

- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GUTIERREZ, F., PRIETO, D. *A mediação pedagógica: educação a distância alternativa*. Campinas: Papirus, 1994.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2001.
- LEAL, R. B. A importância do tutor no processo de aprendizagem a distância. *Revista Iberoamericana de Educación*. Espanha. 2008. Disponível em: <http://www.rieoei.org/deloslectores/947Barros>. Acesso em: 10 jun. 2013.
- LEITZKE, V.; DANDOLINI, G. A.; SOUZA, J. A. *Os desafios de ser tutor num curso a distância*. In: XI Ciclo de Palestras Novas Tecnologias na Educação 2008. Disponível em: <http://ead.utfpr.edu.br>. Acesso em: 02 jul. 2013
- LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- LITWIN, E. *Educação a distância: temas para debate de uma nova agenda educativa*. Porto Alegre, Artmed, 2001
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1996.
- MAIA, M. C.; MEIRELLES, F. S. *Tecnologia de informação e comunicação aplicada a educação*. Proceedings of the 3rd ACORN-REDECOM Conference Mexico City, set. 2009
- MARTINS, A. F. B.; KRAMER, S. Contemporaneidade, educação e tecnologia. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28., n. 100, p.1037-1057, out. 2007.
- MEC – Ministério da Educação e Cultura – Universidade Aberta do Brasil (UAB). 2009. Disponível em: <http://www.uab.capes.gov.br>. Acesso em: 04 mar. 2013.
- MILL, D. *Educação a distância e trabalho docente virtual: sobre tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sociais de sexo na Idade Mídia*. Belo Horizonte: FAE/UFMG. 2006. 322p. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.
- MILL, D.; LIMA, D. A.; LIMA, V. S.; TANCREDI, R. M. S. P. O desafio de uma interação de qualidade na educação a distância: o tutor e sua importância

- nesse processo. *Cadernos da Pedagogia*. ano 02, v. 02, n. 04, ago-dez. 2008, p. 112-127
- MORAN, J. M. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. In: *Anais 12º ENDIP – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*. In ROMANOWSKI, J. P. (Org). Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, 2004, p. 245-253.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez. 2000.
- SÁ, I. M. A. *Educação a distância: processo contínuo de inclusão social*. Fortaleza, C.E.C., 1998.
- SOARES, L. A. *O tutor presencial na educação a distância: interação entre papel, atribuição, mediação e prática pedagógica na formação continuada de professores*. 2012. 100p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Viçosa, 2012.
- SOUZA, C. A.; SPANHOL, L, F. J.; LIMAS, J. C. O.; CASSOL M . P. *Tutoria na Educação a Distância*. Disponível em <http://www.abed.org.br>. Acesso em 10 jun. 2013.
- OLIVEIRA, E. S. G de.; DIAS, A. C. S.; FERREIRA, A. C. R. *A importância da ação tutorial na educação a distancia: discussão das competências necessárias ao tutor*. 2004. Disponível em: <http://niee.ufrgs.br>. Acesso em 02 jul. 2010.
- PHILIPSEN, T.; AFONSO, R.F.S.; DANDOLINI, G. A; SOUZA, J. A., O sistema de Tutoria no CLMD. *Revista Novas Tecnologias na Educação*. v.4 n 2, Dez. 2006. Disponível em <http://www.cinted.ufrgs.br>. Acesso em 11 jun. 2013.
- PETERS, O. *Didática do ensino a distância*. São Leopoldo: Unisinos. 2003.
- PRETI, O. *Educação a distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada*. Cuiabá: UFMT, 1996.
- TOFFLER, A. *O choque do futuro*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.